



CONGRESSO BRASILEIRO
CRSG 2019
Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

MULHERES NEGRAS E/NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Francilenedo Carmo Cardoso
Rafisa Serra Melonio
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Introdução

Essa pesquisa é sobre a mulher negra no Serviço Social, o objetivo é analisar a produção de conhecimento *sobre, com e por* mulheres negras no curso de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão e as contribuições para o curso, a formação e a atuação profissional. Busca-se identificar e analisar tais produções na última década (2008-2018.1) tendo como bússola os estudos da questão racial e de intelectuais negras, o debate sobre racismo, sexismo, racismo institucional e epistemicídio como instrumento de dominação na universidade; o projeto ético-político do curso e a legislações dos direitos humanos a exemplo da Lei 10.639/2003. Verifica-se que as produções sobre a temática mulheres negras é muito pequena no curso de SS da UFMA, o uso do pensamento de autoras negras nas monografias produzidas até o semestre 2018.1 também é incipiente e que os trabalhos com a temática e/ou autoras negras foram produzidos por mulheres de raça/etnia/cor preta e branca com vista a aportar nas reflexões sobre políticas públicas afirmativas voltadas para o negro no Brasil. Essa pesquisa encontra-se em andamento, com vários pontos para serem analisados ainda.

Apresentação e análise dos dados da pesquisa

Foi iniciada uma pesquisa no Centro de Documentação e Informação em Lutas Sociais e Serviço Social (CEDILUSS) com o objetivo de identificar e analisar as produções monográficas do curso de SS da UFMA sobre feminismos negros e mulheres negras, se as mesmas usavam o conhecimento produzido por intelectuais negras e se as autoras eram



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

mulheres negras ou não. Foi feito um recorte temporal das produções do período de 2008 a 2018.1, usamos também como referência os dados da pesquisa de Nascimento (2017) e encontramos os seguintes resultados.

No ano de 2008, foram apresentados quarenta e quatro (44) monografias produzidas no curso sobre diferentes temáticas, dessas duas (2) abordaram a temática racial, são elas: *“Mulheres no ensino superior: visões feministas acerca da discriminação racial e de gênero na UFMA”* de Nadja Regina de Melo Ribeiro e *“Questão étnico-racial e ações afirmativas: uma reflexão sobre o sistema de cotas na UFMA”* de Nathalia do Vale Carvalho. Em 2009 foram apresentados trinta e dois trabalhos (32) e nenhum sobre a temática racial. No ano de 2010 foram apresentados sessenta e quatro (64) trabalhos e somente um abordou a temática racial, que foi de Jakeline Farias Diniz, com o título *“Ações afirmativas nas universidades brasileiras: um perfil dos alunos que ingressaram pelo sistema de cotas para negros na UFMA, em São Luís”*. No ano de 2011 teve sessenta e quatro trabalhos (64) e nenhum abordou a temática racial e nem mesmo o feminismo negro ou sobre mulher negra.

No ano de 2012 foram vinte e quatro (24) trabalhos e um sobre a temática em questão, da autora Fernanda Costa Pinheiro, com o título *“Expressão do racismo no Brasil: a discriminação no processo de adoção com enfoque na realidade do Maranhão”*. Em 2013 foram vinte e sete (27) trabalhos e nenhum sobre a temática étnico-racial. No ano de 2014 teve cinquenta e dois trabalhos (52) e um sobre a temática racial, de autoria da Naziane de Fátima da Cruz Moraes, com o título *“Mulheres negras no mundo do trabalho: um estudo sobre a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho”*. No ano de 2015, de trinta e dois (32) trabalhos, não teve nenhum sobre a temática.

Em 2016, foram registrados dezenove (19) trabalhos e somente um (1) possuía ligação com a temática étnico-racial, com o título *“Cruzeiro: uma experiência de conflitos, lutas e resistência quilombola”* de autoria de Érika Marília Sousa Chagas. No ano de 2017,



CONGRESSO BRASILEIRO
CRSG 2019
Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

foram registrados quinze (15) trabalhos e apenas um sobre a temática étnico-racial, da Adinalva Nascimento, com o título *“Relações étnico-raciais e a formação profissional do Assistente Social da UFMA: um debate acerca do projeto ético-político”*. Em 2018.1, foram registrados vinte e nove (29) trabalhos e somente um abordava a questão étnico-racial, de Bárbara Cristina Silva Pereira, com o título *“Religiões de matriz africana e as relações étnico-raciais: um estudo sobre o racismo religioso e suas manifestações.”*.

No período de 2008 até 2018.1 tivemos um total de 402 (quatrocentos e dois) trabalhos apresentados e desses somente 8 (oito) trabalhavam a temática racial, um número pequeno, quando fazemos o recorte das produções que abordavam a temática sobre mulheres e questões raciais/mulheres negras, encontramos dois trabalhos, são eles: *Mulheres no ensino superior: visões feministas acerca da discriminação racial e de gênero na UFMA*, de Nadja Regina de Melo Ribeiro, de 2008 e *Mulheres negras no mundo do trabalho: um estudo sobre a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho*, de Naziane de Fátima da Cruz Moraes, de 2014.

A produção de Nadja Ribeiro, com o título: *“Mulheres no ensino superior: visões feministas acerca da discriminação racial e de gênero na UFMA”* têm como objetivo analisar as visões que as alunas da UFMA possuíam acerca das discriminações raciais e de gênero no Campus do Bacanga (RIBEIRO, 2008), a autora faz uma discussão sobre os papéis socialmente construídos, a inserção das mulheres no sistema educacional, ela apresenta uma seção com o título *“Mulheres negras: história de resistência e luta”*, onde é apresentada a discussão sobre a posição da mulher negra, mas não com o pensamento/produção de autoras negras. Na metodologia é feito entrevistas com as alunas de três cursos do campus (Medicina, História e Serviço Social), onde se traça um perfil dessas mulheres, através de dados como idade, renda familiar, trajetória escolar e suas concepções sobre as cotas, sobre o preconceito racial e discriminação de gênero. É importante destacar que o objetivo da



CONGRESSO BRASILEIRO
CRSG 2019
Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

autora é discutir como as mulheres analisam a discriminação racial e de gênero na universidade e não especificamente mulheres negras, ela faz nas entrevistas uma abordagem racial e de classe.

O trabalho da Naziane de Fátima da Cruz Moraes, com título: *“Mulheres negras no mundo do trabalho: um estudo sobre a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho formal em São Luís-MA entre limites, desafios e possibilidades”* possui como objetivo investigar a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho formal em São Luís/MA, especificamente no Grupo de Mulheres Negras Mãe Andressa e a forma como essas mulheres pensam as suas estratégias de empoderamento no espaço de trabalho (MORAES, 2014).

A autora trabalha com as categorias gênero, raça e mercado de trabalho; aborda as políticas públicas de igualdade no mercado de trabalho e discorre sobre a inclusão de mulheres negras no mercado de trabalho, também realiza entrevistas com quatro mulheres do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andressa. No trabalho ela discute sobre mulheres negras e com autoras negras, como pode ser visto no Quadro 01.

O nosso objetivo com essa análise não é julgar os trabalhos das autoras, mas de forma crítica construir um novo olhar para a forma como o Serviço Social trabalha a temática racial, especificamente sobre mulheres negras, dessa forma, algumas pontuações são necessárias. O primeiro ponto é que as produções sobre a temática mulher negra é muito pequena sendo que estas são em grande maioria o público do SS e que são o segmento mais inferiorizado dentro da sociedade brasileira, em um período de nove anos e um semestre só foram encontrados dois trabalhos sobre a temática de mulheres/questões raciais e mulheres negras, o que é um número muito pequeno, visto a amplitude da categoria.

Outro ponto para ser analisado é quando a temática é sobre mulheres negras e não se usa o conhecimento e teoria de mulheres negras, o que é uma contradição, as produções de mulheres negras não são divulgadas com frequência, muitas vezes nem são classificadas



Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

como “conhecimento” e passam por uma exclusão no meio científico. Sabemos da dificuldade de acesso a essas obras, principalmente anos atrás, quando as mesmas não eram traduzidas para o português (como ainda hoje algumas não são), quando nas bibliotecas das universidades elas não disponibilizadas, a questão econômica e etc. A nossa observação é que não se pode falar de mulheres negras sem utilizar suas produções e conhecimento, fazer isso é de uma violência muito grande, é não reconhecer essas mulheres como produtoras de conhecimento.

Entendemos também que o conhecimento deve não ser produzido sobre o tema das mulheres negras, mas fundamentalmente *por elas e com* referências das próprias mulheres negras por isso, pesquisamos nos oito (8) trabalhos encontrados sobre a temática racial quais deles trabalharam com referências de intelectuais negras, dessa forma encontramos:

Quadro 01: Trabalhos que usam como referência produções de mulheres negras¹

ANO ²	REFERÊNCIAS UTILIZADAS
2008	Não utiliza produções de mulheres negras
2008	Nilma Lino Gomes; Petronilha Beatriz G.
2010	Ana Cláudia Mielki
2012	Olívia Santana; Gevanilda Santos; Lélia Gonzalez
2014	Sueli Carneiro; Nilma Gomes; Lélia Gonzalez; Beatriz Nascimento; Jurema Werneck; Maria Nilza da Silva.
2016	WlamyraR. de Albuquerque; Zulene Muniz Barbosa; Angela Domingos Peres
2017	Sarita Amaro; Elizabete Aparecida Pinto; Matilde Ribeiro; Roseli da Fonseca Rocha
2018.1	WlamyraR. de Albuquerque; Jussara Rêgo; Maria de Lourdes Teodoro

¹A nossa pesquisa nesse ponto ocorreu por análise do fenótipo das autoras citadas, algumas delas já eram nossas conhecidas, outras, porém não conseguimos analisar os seus traços por não conseguir localização nos meios de comunicação.

² É o ano referente à apresentação dos trabalhos que já foram explanados



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Nesse ponto pesquisamos sobre quais autoras negras foram usadas, pois, sabemos que historicamente as mulheres negras foram excluídas do meio científico, colocadas como objeto de estudo e só depois de muita luta conseguiram adentrar nesse espaço como intelectuais. A universidade ainda hoje é um espaço machista e da branquitude, onde os homens brancos são os “donos do conhecimento”, por isso o nosso objetivo de saber quais autoras negras foram usadas. Sabe-se que existem mulheres negras produzindo, mas que as mesmas sofrem um processo de silenciamento dentro das universidades. O nosso objetivo nesse ponto não é decidir quais autores devem ser usados, mas queremos a valorização das mulheres negras dentro da acadêmica. Ribeiro (2017) apresenta uma discussão importante sobre quem deve produzir sobre a temática racial, segundo ela “ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos”, ainda segundo a autora “entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois, estamos falando de localização social”, (2017, p. 86), por isso destacamos a importância de ambos os grupos produzirem sobre a temática racial.

Outro ponto da nossa análise foi à raça/etnia das autoras, desse modo, das oito (8) monografias que tratam da questão racial quatro (4) foram produzidas por mulheres negras e três (3) por brancas e uma (1) não tivemos contato e não conseguimos localizar nas redes sociais. Isso significa que o número de pesquisadoras que investigam o tema é quase o mesmo entre negras e brancas. Assim, como já ressaltamos não são somente pessoas negras que devem produzir sobre a temática racial. Ribeiro (2017) apresenta uma discussão importante:

E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço e legitimidade? Quando existe algum espaço para falar, por exemplo, para uma travesti negra, é permitido que ela fale sobre Economia, Astrofísica, ou só é permitido que fale sobre temas referentes ao fato de ser uma travesti negra. (RIBEIRO, 2017, p. 77).



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Ressalta-se ainda que das monografias analisadas, somente duas destacaram no trabalho que se identificavam como mulheres negras, foram elas a Naziane Moraes de 2014 e Adinalva Nascimento de 2017, notamos assim que são monografias mais contemporâneas, essa auto definição é um ponto muito importante que para Ribeiro (2017, p. 44) “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcar possibilidades de transcendência da norma colonizadora”, é uma forma de luta e afirmação do espaço de onde se fala.

Considerações finais

Verifica-se que as produções sobre a temática racial do curso de SS da UFMA ainda é muito pequena, quando fazemos o recorte para mulheres negras é menor ainda, as nossas observações para essa categoria ocorre, pois é o seguimento mais precarizado da sociedade brasileira, a realidade de uma mulher negra não é a mesma que de uma mulher branca e essas particularidades devem ser levadas em conta, especialmente na formulação de políticas públicas, que está diretamente ligada à atuação do Assistente Social.

Como destacado por Nascimento (2017, p. 62) a partir do pensamento de Ribeiro (2004) “as produções não podem servir de análise somente de assistentes sociais negras ou das (os) profissionais que já levantam esta causa como bandeira, mas sim de toda a categoria”, é fundamental que toda a categoria de assistentes sociais tenha conhecimento sobre a temática racial, pois a questão social está diretamente ligada à questão racial na sociedade brasileira e por isso o nosso objeto de pesquisa neste trabalho, ainda temos muito que avançar nos estudos do SS com a temática racial e principalmente de sobre mulheres negras.

E ainda que o uso do pensamento de autoras negras nas monografias produzidas até o semestre 2018.1 também é incipiente e que os trabalhos com a temática e/ou autoras



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

negras foram produzidos por mulheres de raça/etnia/cor preta e branca com vista a aportar nas reflexões sobre políticas públicas afirmativas voltadas para o negro no Brasil, é preciso avançar e romper com o silenciamento que historicamente foi imposto a mulheres negras e fazer o que Linda Acoff denomina de “descolonizar os conhecimentos”, ou seja, romper com uma epistemologia colonizadora (epistemologia europeia) que se diz única e valorizar as outras epistemologias existentes, uma vez que desclassificamos essas produções estamos sendo violentos e contribuindo para o fortalecimento do epistemicídio da população negra.

Referências:

MORAES, Naziany de Fátima da Cruz. **Mulheres negras no mundo do trabalho**: um estudo sobre a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho formal em São Luís-MA entre limites, desafios e possibilidades. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2014

NASCIMENTO, Adinalva. **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL DA UFMA**: um debate acerca do projeto ético-político. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

RIBEIRO, Nadja Regina de Melo. **Mulheres no ensino superior**: visões feministas acerca da discriminação racial e de gênero na UFMA. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017